



CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS

de Isabela Figueiredo

Por Charles Borges CASEMIRO¹

Está no mercado, a sétima edição do *Caderno de Memórias Coloniais*, da escritora portuguesa Isabela Figueiredo, que veio a público, pela primeira vez, em 2009, apesar de vários de seus eixos estruturais e temáticos terem sido talhados antecipadamente no Blog mantido pela escritora em nos anteriores.

Narrativa direta e crua, de tonalidade autobiográfica e poética, em que o intimismo e a investigação da formação da identidade e do pertencimento portugueses se casam com a averiguação da história, em um clima de fusão do lirismo popular português com o drama feminino e com a épica oficial da descolonização, no sentido de constituir uma extraordinária leitura da história portuguesa recente.

O 25 de Abril, a guerra colonial, a realidade dos retornados, a situação de Portugal pós-colonial, afogado em uma realidade de desmanche, numa tentativa de refação de sua própria identidade e história, conformam os eixos externos desta narrativa contemporânea assaz questionadora, e que faz justiça, em tudo, ao título, estruturando-se a partir do cruzamento entre a memória da narradora, a memória do pai e a memória histórica coletiva que dão, ao estilo de Isabela, as tonalidades fragmentárias e intimistas suficientes para que a economia, a política, a sociedade, a ideologia, a cultura do império português em estado de desmanche, a descolonização de África, etc sejam mostrados a partir da vivência de uma menina tornando-se adolescente, experimentando a verdadeira contravenção de se fazer mulher em um mundo arquitetado pelo capitalismo misógino, preconceituoso e opressivo, uma mulher experimentando a contravenção e magia de se fazer moçambicana, de se fazer

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa (USP), Mestre em Literatura (UPM), Docente do Curso de Licenciatura em Letras do IFSP-SPO.

Endereço eletrônico: oprofcharles@gmail.com.

Revista Metalinguagens, v.4., n.2, p. 174 - 176, Charles Borges CASEMIRO.

portuguesa, de se fazer um ser humano belo num mundo feio, a partir de estilhaços do colonialismo e da descolonização.

Recortadas pela imagem dupla do pai – o carrasco branco, colonizador de Moçambique, mas, ao mesmo tempo, o terno e amoroso paizinho português, cheio de cuidados e amores com a filha do coração, as memórias da narradora seguem da epígrafe ao último trecho da narrativa se fazendo como quebra-cabeça, como conjunto de fragmentos, como uma colcha de retalhos que se tece, qual manto de Penélope, para dar margem ao retorno e ao retornado a Portugal, depois do violento e malgrado exercício da conquista e da devastação colonial de África que, na narrativa, se apresenta, algumas vezes, na metáfora do exercício misógino do europeu, branco, racionalista, naturalista, positivista, capitalista e, por incrível que nos pareça, católico, que se impunha à mulher moçambicana – como ao corpo de África – numa atitude de posse, violência e violação, metáfora insólita da conquista e colonização portuguesa e europeia do Além-mar.

Que preta é que queria levar porrada? Quantos mulatos conheciam o pai? Os brancos entravam no caniço e pagavam cerveja, tabaco ou capulana a metro à negra que lhes apetecesse. A bem ou mal. Depois abotoavam a braguilha e desapareciam para as suas honestas casas de família. (...)

Lourenço Marques, na década de 60 e 70 do século passado, era um largo campo de concentração com odor a caril.

Em Lourenço Marques, sentávamos numa bela esplanada, de um requintado ou descontraído restaurante, a qualquer hora do dia, a saborear o melhor uísque com soda e gelo, e a debicar camarões, tal como aqui nos sentamos, à saída do emprego, num snack do Cais do Sodré, forrado de azulejos de segunda, engolindo uma imperial e enjoando tremoços. (...)

O meu pai, a quem coube electrificar a Lourenço Marques na década de 60, nunca quis empregados brancos, porque teria de lhes pagar os olhos da cara. (...) preferia andar ele sozinho a tomar conta das suas inúmeras obras, por onde deixava os seus inúmeros pretos. (...) e corria, o dia inteiro, a cidade, de um lado ao outro, a controlar o trabalho da pretalhada, a pô-los na ordem com uns sopapos e uns encontrões bem assentes pela mão larga, mais uns pontapés, enfim, alguma porrada pedagógica. (...)

Revista Metalinguagens, v.4., n.2, p. 174 - 176, Charles Borges CASEMIRO.

O negro estava abaixo de tudo. Não tinha direitos. Teria os da caridade, se a merecesse. Se fosse humilde.

Esta era a ordem natural e inquestionável das relações; preto servia o branco, e branco mandava no preto. Para mandar, já estava lá o meu pai; chegava de brancos! (FIGUEIREDO, 2009)

A autoconstrução da narradora, como menina, como adolescente e como mulher, nesse sentido, surge assim, no *Caderno de Memórias Coloniais*, ao mesmo tempo, como um progressivo desvendamento lírico e dramático e como contraponto ideológico contundente da ação do colonizador europeu, representado pelo pai da narradora, apesar de constituir uma verdadeira afirmação crítica e subjetiva de um amor incondicional da filha pelo pai, mesmo em sua força e questionável beleza épica ariana.

São 43 fragmentos (primeira edição de 2009, da Editora Angelus Novus) que, a partir da edição de 2015, da editora Caminho, ganha prefácio de Paulina Chiziane e José Gil, bem como o acrescentamento de alguns fragmentos (que passaram a ser 51 na nova Editora) ao lado de mais fotografias que, em parte, já se distribuía ao longo da narrativa, desde a primeira edição e, na edição de 2015, se multiplicaram.

Já em sua sétima edição, portanto, pela editora Caminho, a marcante narrativa de Isabela Figueiredo vale a pena da importação, para vermos cumprido, como leitores, o desejo de conhecer um pouco mais da romanesca portuguesa contemporânea que, como *puzzles*, tem se debatido e se constituído em torno da árdua tarefa de ajuste de contas e de recomposição das identidades portuguesas, tematizando a delicada discussão sobre o pertencimento português no mundo pós-colonial, no caso do *Caderno*, mais especialmente, a partir do ponto de vista da mulher e seu desafio de se fazer mulher no mundo contemporâneo.

Uma leitura sublime e emocionante, para quem deseja, portanto, da literatura, uma revelação e o compartilhamento da tarefa de construir vida bela a partir de vivências ímpares do outro e da memória coletiva, neste caso, uma vida mais bela, a partir dos olhos glaucos moçambicanos de uma Isa(bela).

Revista Metalinguagens, v.4., n.2, p. 174 - 176, Charles Borges CASEMIRO.

Envio: Novembro/2017

Aceito: Novembro/2017